



# CORPOS & OBJETOS

N A A M A Z Ô N I A

*Editora*  
UFPR





C O R P O S  
O B J E T O S  
N A A M A Z Ô N I A





Na origem do povo Xavante, dois homens, Butséwawe e Tsa'amri, foram postos na terra pela força do arco-íris. Os nomes foram dados por uma voz do alto, que os chamou de Butséwawe e Tsa'amri.

Eles tiveram compaixão um do outro porque não havia companheira. Após isso a mesma voz ordenou ao Butséwawe:

“Tire seis pauzinhos, três Were Wawe e três Wamari e coloque três de cada lado. Risque um de vermelho e um de preto”. Terminado esse trabalho Butséwawe chamou Tsa'amri:

“Escolha conforme a sua preferência”.

Tsa'amri escolheu o pauzinho de risco vermelho. O pauzinho de risco preto ficou para Butséwawe. Foi então que do pauzinho Tsawéréwawe surgiu uma mulher para Butséwawe e logo depois surgiu uma mulher para o Tsa'amri. Aconteceu então o primeiro casamento.

### **Mito Xavante**

*(GIACCARIA, B. e HEIDE, A. Xavante, povo autêntico. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1984)*

# SUMÁRIO

---

- 5 Apresentação
- 6 Corpos e objetos no pensamento das populações indígenas
- 10 O que é um corpo na Amazônia?
- 12 Objetos que transformam os corpos
- 16 Objetos que são corpos
- 18 Objetos no interior dos corpos
- 20 Objetos que tornam corpos presentes
- 22 In-corporações indígenas
- 24 Catálogo da Exposição
- 34 Bibliografia
- 35 Legendas
- 36 Ficha Técnica

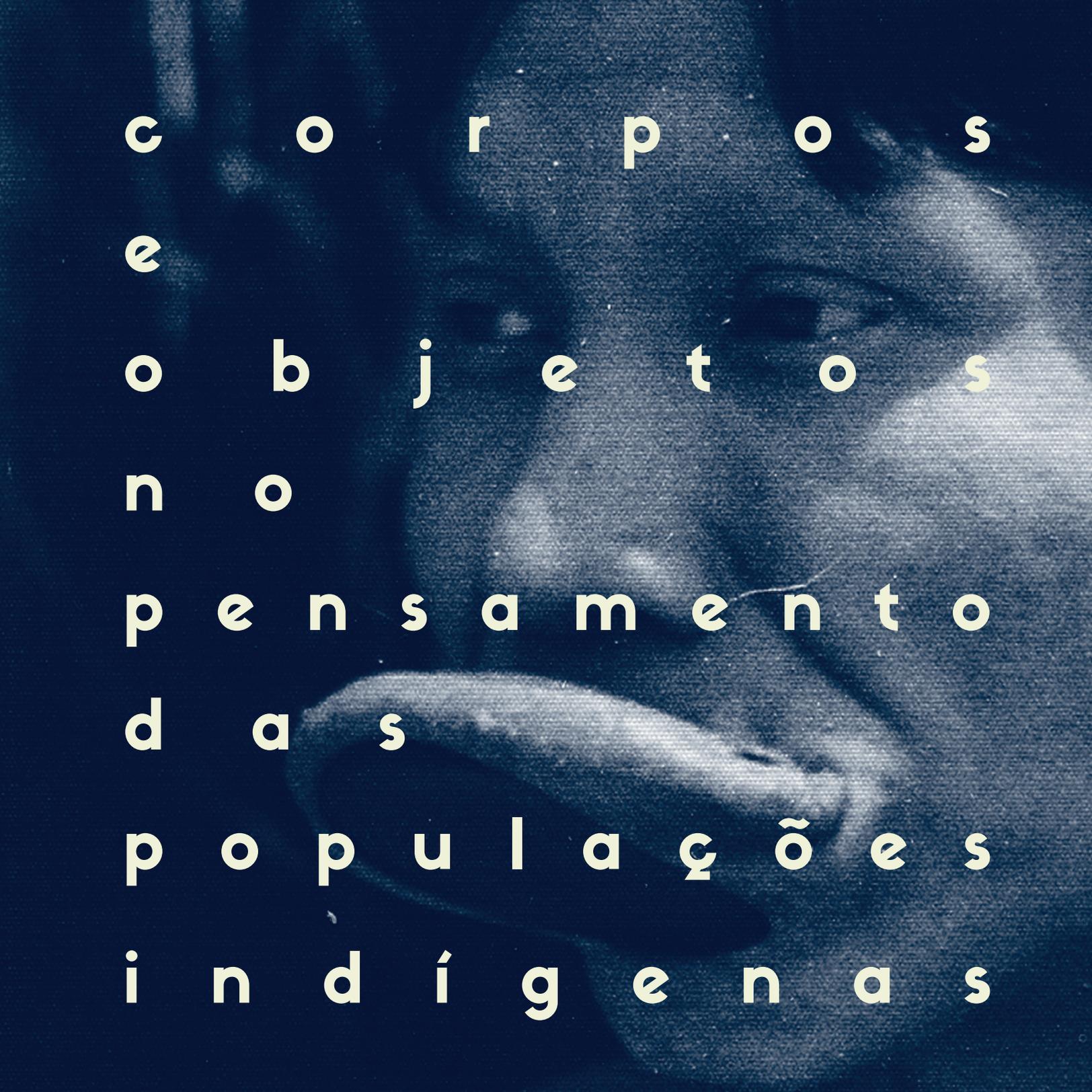
Corpos e Objetos na Amazônia é uma exposição referência trazida ao público pela Unidade de Etnologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR. Do campo de conhecimentos da etnologia indígena, traz uma reflexão complexa e propõe um diálogo enriquecedor a respeito de temas caros à antropologia dos povos indígenas: a noção de corporalidade, de pessoa, de fabricação e uso de objetos que dinamizam a vida em diversos grupos ameríndios.

A riqueza dessa exposição, penso, reside na possibilidade de compreender a diversidade de sentidos que alguns conceitos têm em diferentes culturas; corpo e objeto são exemplos primorosos, pois, em alguma medida, acionam a mecânica social em qualquer grupo cultural. Neste sentido, a curadoria sensível, segura e intelectualmente generosa dos professores Dr<sup>a</sup> Laura Pérez Gil e Miguel Carid Naveira revela aos visitantes a magnitude desses intrincados mecanismos vividos por algumas sociedades indígenas localizadas no território brasileiro.

Esperamos que a reflexão materializada nessa exposição ecoe na capacidade que todos temos de contemplar, comparar, apreciar e valorizar o que muitos dos povos que habitam esse mundo nos oferecem para o engrandecimento intelectual, ético, emocional e estético de cada um de nós, e, conseqüentemente, para as múltiplas redes sociais das quais somos parte.

**Márcia Rosato** e equipe

Diretora do MAE UFPR



c o r p o s

e

o b j e t o s

n o

p e n s a m e n t o

d a s

p o p u l a ç õ e s

i n d í g e n a s



Corpos e objetos. No nosso pensamento os dois termos que compõem o título da exposição parecem estar contrapostos. Os corpos remetem à vida, ao movimento, ao desenvolvimento orgânico; os objetos, entretanto, os entendemos como coisas inanimadas e inativas. Porém, há certas situações em que essa distinção não é tão nítida, mesmo para nós. Certos objetos, por exemplo, carregam memórias de vida e as pessoas os sentem como parte de si; imagens religiosas não apenas são adoradas como manifestações de um ser divino, mas às vezes são também capazes de fazer milagres.

Os filmes de ficção científica refletem também nosso desassossego frente à possibilidade de as coisas terem algum tipo de intencionalidade: objetos tais como computadores ou robôs podem chegar a ter consciência, inteligência e sentimentos? Para muitos povos indígenas das Terras Baixas da América do Sul a resposta é clara: a inteligência, a consciência e a capacidade de ação são também atributos de coisas inanimadas às quais nós não atribuímos vida. Isso coloca algumas questões para quem, como os curadores do MAE, pesquisamos e trabalhamos com objetos ideados, fabricados e usados por diferentes povos indígenas: será, então, que o nosso conceito de objeto traduz adequadamente o que essas coisas são para as pessoas que as fabricaram e as usaram antes de vir fazer parte do nosso acervo? E consequentemente: será que uma noção biológica do corpo dá conta das teorias ameríndias sobre a corporalidade?

Culturas diferentes têm entendimentos diferentes sobre o que são, o que fazem e como funcionam os corpos; e o mesmo se aplica aos objetos. Sabemos através das pesquisas etnológicas que corpos e objetos mantêm uma estreita relação no pensamento ameríndio. Essa exposição se ocupa das diferentes dimensões dessa relação. O percurso está organizado em torno de quatro eixos. O primeiro se refere aos objetos que transformam os corpos e que fazem com que as pessoas adquiram qualidades necessárias para o bom desenvolvimento da vida social. Cocares, adornos nas orelhas ou no lábio inferior, por exemplo, não são apenas enfeites, mas elementos que potencializam as capacidades dos corpos humanos, de uma forma parecida aos óculos que nos permitem enxergar melhor. O segundo eixo fala dos objetos que são, ou foram em tempos míticos, corpos, ou seja, que têm a capacidade e a intenção de agir. O terceiro eixo diz respeito a objetos que, segundo alguns grupos indígenas, estão no interior dos seus corpos, como se fossem órgãos, e que são a sede, por exemplo, da memória ou do conhecimento. Para finalizar, falamos das máscaras, que não são objetos que escondem senão objetos que mostram: se tornam, temporariamente, corpos daqueles seres que as pessoas normais não podem ver, e que nós costumamos chamar de espíritos.



Os objetos e as fotografias expostos têm diferentes origens de forma a colocar em relevo a diversidade sociocultural da população indígena nas terras baixas de América do Sul. As fotografias, todas elas pertencentes ao acervo do MAE, foram tomadas nas décadas de 50 e 60, principalmente por Vladimir Kozák. Alguns objetos foram também coletados nessa época, mas há vários outros muito mais recentes, como o cachimbo yaminawa, que foi obtido durante uma pesquisa de campo em 2013. Alguns chegaram até nós de lugares distantes, como a Amazônia peruana ou as Guianas, mas outros fazem parte da realidade parnanguara, como o belo cachimbo mbya-guarani elaborado por Onírio quando ele morava na comunidade da Ilha da Cotinga.

Através da curadoria tratamos de aproximar essas realidades distantes, seja geográfica, temporal, ou conceitualmente, e nos propomos traduzir esse pensamento, complexo, e oferecer um espaço para o desfrute estético, intelectual e lúdico de um patrimônio que é coletivo. Convidamos, assim, os visitantes a abrir seu pensamento e sua imaginação para outra visão de mundo.



# O QUE É UM CORPO NA AMAZÔNIA?

Os povos indígenas amazônicos concedem grande relevância ao corpo, objeto de preocupações físicas, sociológicas e filosóficas. As pessoas cuidam e se dedicam a seu corpo e ao dos seus seres queridos de forma intensa; o corpo não é algo que se desenvolve organicamente por si mesmo, mas sim que deve ser elaborado, e é através dessa modelagem que a pessoa como um todo é constituída. Desde a gestação, quando as substâncias corporais dos pais formam a criança, até a morte, momento em que o cadáver é objeto de diversas medidas com o objetivo de encaminhar o morto a um destino adequado, passando pelos trabalhos rituais de passagem à vida adulta, de iniciação xamânica, ou de cura, os corpos são feitos e refeitos. Eles são o centro de uma vida social e ritual que une pessoas com outras pessoas, pessoas com entidades espirituais, e corpos com objetos.

Assim, é possível ver diferenças notáveis entre a compreensão ocidental do corpo individual e biologicamente determinado, e o corpo ameríndio, coletivo, social e devidamente ornado: desenhado, tatuado, escarificado, depilado, em muitas ocasiões composto com partes de animais, vegetais ou até com elementos provenientes do mundo não indígena, como miçangas ou roupas industriais. Entre os povos ameríndios, as qualidades que tornam um corpo propriamente humano, como a sabedoria, a afetividade ou a ética do comportamento, são atreladas ao trabalho permanente sobre ele, através da alimentação, da higiene, das ações rituais, dos enfeites. Todos esses aspectos fazem dos corpos ameríndios algo mais do que entidades fisiológicas: cada um é um conjunto de afetos, memórias e potências, que articula cada pessoa com o mundo ao redor.



Mais do que definir identidades étnicas, embelezar o corpo ou ocultar, por pudor, partes dele, a ornamentação tem um papel constitutivo. Os adornos produzem transformações, dotam de qualidades e capacidades, identificam os homens que os portam com outros seres. No pensamento indígena, a beleza não é simplesmente uma qualidade estética: um corpo belo é aquele que foi produzido com cuidado e afeto pelos seus parentes, aquele que possui qualidades socialmente valorizadas e eticamente prezadas. A beleza fornece a capacidade de agir no mundo.

# Objetos que transformam corpos

Ser um bom trabalhador, forte e resistente, ter boa disposição e mostrar-se alegre, gentil e generoso com os parentes e vizinhos; ser afetuoso com o esposo ou esposa e os filhos; ser um caçador com pontaria certa; um orador persuasivo e bom negociador; uma tecelã habilidosa ou um guerreiro formidável e temível... Essas qualidades e virtudes são desenvolvidas recluindo, arranhando, modelando, furando e adornando os corpos com belos objetos.

Muitas das qualidades visadas, e que tornam as pessoas propriamente humanas, são características de outros seres: a agressividade e a coragem da onça; a visão aguçada e a possibilidade de se deslocar pelo ar dos pássaros; a agilidade do coati; ou a durabilidade de pedras ou das árvores de madeira dura. Garras, dentes e peles com que os ornamentos são confeccionados são os meios através dos quais as pessoas se apropriam de determinadas qualidades. Essas qualidades são as que permitem viver de uma forma correta, fazendo parentes e cuidando deles apropriadamente. É do mundo que lhes rodeia que as pessoas tomam essas capacidades, cuja apropriação se dá pela transformação em objetos dos elementos que as encarnam.





O que dizer, então, das belas plumas que têm se tornado um elemento característico das populações amazônicas e que tanto nos maravilham? “Nada sabem de dinheiro. Suas riquezas são penas de pássaros; e quem tem muitas é que é rico”, escrevia Hans Staden no século XVI. Desde os primeiros contatos entre indígenas e os europeus, no imaginário ocidental as populações indígenas ficaram estreitamente vinculadas aos ornamentos plumários, que fascinaram os recém-chegados. Essa associação tem contribuído para um entendimento errado de que para “ser índio” precisa “usar penas”. Da mesma forma que não se é índio por usar um ornamento plumário, também não se deixa de ser índio por não usá-lo.

Porém, certo é que para muitos povos indígenas a plumária tem um papel especial na constituição das pessoas. Para os Kayapó, conhecidos entre outras coisas pela quantidade e exuberância dos adornos plumários, estes enfatizam o seu desejo de identificação com os pássaros. Os xamãs têm a capacidade de se transformar em pássaros: nascem plumas no seu corpo, tem a faculdade de voar e desenvolvem uma visão aguçada que lhes permite ver bem, ou seja, conhecer. O fato de que para os Kayapó o homem ideal seja o xamã nos ajuda a entender o que significam os pássaros para eles: são os seres que possuem aquelas qualidades que todo homem almeja adquirir.

Outro grupo reconhecido e admirado pelo trabalho plumário são os Ka’apor, cujos adornos se caracterizam pela sua delicadeza e complexidade e foram qualificados como joalheria plumaria. Através dos seus ornamentos, os Ka’apor se identificam com o deus Maíra, belo, forte e cujo corpo se caracteriza pela dureza. Ele constitui o ideal que os homens ka’apor querem atingir, e por isso durante o ritual de nomeação das crianças se coloca sobre elas o belo cocar chamado akangatar, feito com penas da cauda do japu, que as identifica com o sol, com Maíra.

# Objetos que

Na Amazônia, como disse o etnólogo Peter Rivière, as aparências enganam. O que aparentemente é uma anta, uma samaúma, um vagalume, uma mandioca ou uma arraia podem ser pessoas. Eles, simplesmente, têm corpos diferentes dos humanos.

Nesse mundo onde os seres não são o que parecem, há também objetos que não são simples elementos inertes. Que uma coisa seja inanimada não quer dizer que ela careça de intenções e de faculdades para agir e interagir com as pessoas. Entre os Wayana, por exemplo, muitos objetos de uso cotidiano são fragmentos de corpos de seres primordiais. Nos tempos primevos esses seres eram caóticos e perigosos, e foram desmembrados para poder ser controlados.

# são corpos

Dessa forma, as flechas são o corpo, agora sem visão e sem membros, de um antigo intrépido guerreiro; o tipiti era uma cobra, mas graças à transformação, ela não apresenta mais risco para as mulheres que precisam usá-la; a rede era a aldeia da aranha primordial, e assim por diante. As capacidades criativas desses seres se materializaram em objetos que efetuam atos tecnológicos como pensar, assar ou furar, e por isso podem ser usufruídas no presente pelos seres humanos. Os grafismos que os recobrem evidenciam que eles são pensados como corpos; ou, em outras palavras, as pinturas que recobrem muitos desses objetos os tornam corpos.

Na exposição, observamos também um chocalho karajá totalmente recoberto de pequenas plumas. Será isso indicativo de que ele é um corpo? Certamente não é uma hipótese descabida, já que temos evidências de que os chocalhos, objetos que veiculam o poder xamânico, são muitas vezes considerados como os habitáculos dos espíritos auxiliares dos xamãs, e os sons que emitem, suas vozes.



Em outras ocasiões, é o próprio corpo do xamã o lugar onde habitam os espíritos que o auxiliam. Eles podem tomar a forma de pequenas pedras, por exemplo, que o xamã pode extrair e reintroduzir no próprio corpo à vontade.

Mas não são apenas os xamãs os que podem ter objetos no interior dos seus corpos. Entre os Mamaindê, por exemplo, além dos que levam ao redor do pescoço, as pessoas possuem colares internos que lhes permitem ter memória. São objetos essenciais para a vida de uma pessoa, e, se por alguma razão se quebram, a pessoa adocece. O xamã é o único que pode enxergar esses colares internos e recompô-los para fazer a pessoa sarar. Já no caso dos Muinane da Amazônia colombiana, o comportamento moral das pessoas é consequência das substâncias consumidas, como tabaco e os alimentos, que vão se acumulando nos “cestos do conhecimento” que existem no interior dos seus corpos, concretamente nas gargantas. Esses cestos devem ser idealmente doces e frios para atrair e acumular os bons discursos que vão direcionar positivamente as ações das pessoas. Seja no interior ou no exterior, entre muitos povos indígenas os objetos fazem os corpos humanos.



# OBJETOS QUE TORNAM CORPOS PRESENTES

No evento ritual os diferentes tipos de seres – objetos, animais, vegetais, humanos e espíritos – se compõem entre si em jogos onde ora o continente é conteúdo, ora o conteúdo é continente. Seriam as máscaras corpos de espíritos? Seriam as pessoas que as portam, situadas dentro das máscaras, espíritos dos corpos-máscaras? Identidades múltiplas, corpos que remetem a um mundo vivido que não só não exclui outras entidades da vida social, como precisa delas para sobreviver, as máscaras indígenas revelam uma pequena parte da complexidade dos modos de existência ameríndios.

Habitualmente, quando vemos as máscaras nos museus, as admiramos como objetos de arte. Para nós, o conhecimento dos materiais adequados, seu tratamento, a perfeição técnica e criativa remetem ao universo dos artefatos, ou seja, às obras elaboradas pelo trabalho humano. Entretanto, para muitos povos indígenas as máscaras remetem a um mundo vivido, a festas e rituais, cuja complexidade conceitual e existencial ultrapassa o âmbito estético ou utilitário que concedemos aos artefatos. As máscaras ameríndias pertencem ao jogo complexo de vínculos que humanos, animais, vegetais e espíritos tecem entre si. As máscaras são vestidas por pessoas, mas esse vestir implica um sentido de animação mútua entre pessoa e espírito. Se a máscara espiritualiza a pessoa, a pessoa corporifica, dá imagem e anima o espírito através da máscara. Há um jogo de bonecas russas no uso das máscaras, pois de certa forma tanto é a pessoa que porta a máscara como a máscara que inclui em seu interior uma pessoa. No caso dos Tikuna, por exemplo, as narrativas esclarecem que a efetividade das máscaras depende de seu portador estar convenientemente desenhado com jenipapo. Máscara sobre pintura, máscara sobre máscara poderíamos dizer, os rituais de máscaras e a própria composição material desses 'objetos' possuem um apelo transformacional.



# INCORPORAÇÕES indígenas

Normalmente, os museus organizam exposições com as peças que formam parte de seus acervos. Ditas coleções, como a existente no MAE/UFPR, foram elaboradas ao longo de décadas e por isso o material coletado reflete sua condição histórica. Esta exposição fez um percurso pelos corpos indígenas (Kayapó, Ka'apor, Maimandê...), pelos objetos utilizados para enfeitá-los, que os compõem internamente ou que são eles próprios corpos.

Como é sabido, os indígenas utilizam hoje roupas industriais, miçangas de plástico, penas de galinha tingidas ou outros materiais comprados em lojas para se adereçar e fabricar objetos, alguns deles vendidos na cidade, outros utilizados por eles mesmos, cotidiana ou ritualmente. Nesse sentido, eles ficaram, aparentemente, mais parecidos com os brancos, o que muitas vezes foi interpretado como índice de 'aculturação', como se o mundo indígena estivesse perdendo sua tradicionalidade e, portanto, sua autenticidade; como se ele estivesse desaparecendo. Há mais de um século que os antropólogos preveem, apavorados e (pré)nostálgicos, que os grupos indígenas vão desaparecer, como um sorvete que inevitavelmente se derrete ao ser tirado do frio da geladeira. Mas os povos indígenas resistem, persistem e vivem. Sem dúvida, o contato permanente com os não indígenas e a atração por seus objetos têm contribuído para a generalização do seu uso, mas não podemos esquecer que os indígenas dão a eles usos e interpretações próprias. Nenhuma sociedade está paralisada no interior de uma geladeira; toda sociedade está em constante mudança, e as sociedades indígenas não são, e nunca foram, uma exceção.

É bem conhecida a importância da alteridade para a vida dos povos indígenas: animais, espíritos e outros povos indígenas são fontes constantes de conhecimentos e bens valorizados. É desses Outros que são adquiridos cantos, modos de cura, nomes, fertilidade, conhecimentos fundamentais para a constituição de cada povo indígena. Os “brancos”, os não indígenas, não estão excluídos dessa cosmologia ávida de incorporar forças e capacidades provenientes do exterior. Experimentar da alteridade, ou seja, de se transformar um pouco em outro, seja esse outro um animal, um espírito, um inimigo ou uma pessoa não indígena, não leva a deixar de ser índio. Pelo contrário, essas práticas de transformação e alteração se encontram tradicionalmente radicadas no que significa Ser indígena, como tantos estudos vêm demonstrando de modo detalhado nas últimas décadas.

Nessa parte final da exposição queremos enfatizar o modo especificamente indígena de criar essa proximidade com o mundo não indígena. Nem os índios deixam de ser índios por adotar formas e modos caracte-

rísticos de outros setores populacionais brasileiros, nem os ocidentais deixam de se corresponder com sua matriz cultural por utilizar em seus corpos componentes ‘étnicos’. Afinal, é necessário se colocar a seguinte questão: que lugar ocupam essas incorporações no contexto cosmológico mais amplo, no conjunto das interpretações ou do estilo cultural que caracteriza uma determinada população? São as centenas de respostas a essa pergunta, diferentes para cada um dos povos indígenas que habitam no Brasil e pelo mundo afora, que permitirão alcançar uma visão mais rica e realista que o habitual discurso, geralmente apressado e empobrecedor, da perda e da aculturação. Discurso que se corresponde com nossa compreensão hegemônica da identidade e da cultura como algo rígido e uniforme, mas que se afasta dos modos transformacionais, compositivos e cumulativos caracteristicamente indígenas.





**CATÁLOGO**  
da **EXPOSIÇÃO**



**Par de máscaras**  
*kapulu eneju*

Wauja

*Acervo do MAE (Coleção Eduardo Canó):  
IV. 2865 e IV. 2866.*



**Toucado (*Krôkrôti*).**

Kayapó Kuben-Kran-Krên.  
*Acervo do MAE: IV. 614.*



**Par de braçadeiras  
emplumadas**

Kayapó  
*Acervo do MAE: IV. 814 e IV. 815*



**Cachimbo de madeira  
de cedro**

Kayapó Gorotire  
*Acervo do MAE: IV. 2222.*



**Cachimbo de madeira  
e osso (*Xinimote*).**

Yaminawa  
*Acervo do MAE: IV. 3203.*



### **Colar de garras de onça**

Alto Xingú

*Acervo do MAE (Coleção Eduardo Canó): IV. 2603.*



### **Colar de costelas de pássaro**

Ka'apor

*Coleção Passos: D:165*



### **Colar de contas de tucum e dentes de macaco**

Mamaindê

*Coleção Passos: D: 170*



### **Colar de contas de tucum e madrepérola**

Mamaindê

*Coleção Passos: D: 171*



**Diadema horizontal  
(Akangatar)**

Ka'apor

*Acervo do MAE: IV. 588.*



**Figura de folhas de tabaco,  
instrumento do pajé**

Kuikuru

*Acervo do MAE (Coleção Eduardo Canó).  
IV. 2313.*



**Colar para cachorro de  
espinhos de porco-espinho**

Ka'apor

*Acervo do MAE: IV. 936.*



**Escarificador**

Alto Xingú

*Acervo do MAE (Coleção  
Eduardo Canó): IV. 2406.*



### Furador de lábio

Xetá

*Acervo do MAE: IV. 2406.*



### Botoque disco de madeira (Akàkakô).

Kayapó

*Acervo do MAE: IV. 1630.*



### Par de auriculares discoides (Cöj).

Canela-Apanyekrá

*Acervo do MAE: IV. 1655 e IV. 1656.*



### Chocalho globular emplumado

Karajá

*Acervo do MAE: IV. 775.*



**Tipiti**

Timbira

*Acervo do MAE: IV.178.*



**Colar-apito**  
(*A'wá tukaniwar*)

Ka'apor

*Acervo do MAE: IV. 933.*



**Máscara (Nachamá)**

Tikuna

*Acervo do MAE: IV. 2048.*



**Chocalho globular**  
(*Ankge*)

Kuikuru

*Acervo do MAE (Coleção  
Eduardo Canó): IV.2312*



**Máscara (Nachamá)**

Tikuna

*Acervo do MAE: IV. 1546.*



**Par de auriculares-cavilha em estojo (Daporewa'u)**

Xavante

*Acervo do MAE: IV. 2192 e IV. 2193.*



**Peitoral emplumado**

Kayapó Kuben-Kran-Krên

*Acervo do MAE: IV. 926.*



**Cesto paneiriforme (Poraxi)**

Wayana-Apalai

*Coleção Passos: D:85*



**Cesto cargueiro**  
(*Katarianon*)

Wayana-Apalai  
*Coleção Passos: D:75*



**Dá de virar beiju semilunar** (*Kutejo*)

Wauja  
*Acervo do MAE (Coleção Maria Ignez Cruz Mello): IV. 2926*



**Pau de cavouco**  
(*Tunuwāi*)

Wauja  
*Acervo do MAE (Coleção Maria Ignez Cruz Mello): IV. 2913*



**Pingente dorsal**  
(*Kruwapu*)

Kayapó Metyktire  
*Acervo do MAE: IV. 698.*



**Cachimbo de madeira  
de nó de pinho (*Petỹgua*)**

Mbya-Guarani

*Acervo do MAE: IV. 3057*



**Cigarros (*Teninbü*).**

Kuikuru

*Acervo do MAE (Coleção Eduardo Canó):  
IV. 2817 e IV. 2819.*



**Roda de teto  
(*Maluana*)**

Wayana-Aparai

*Acervo do MAE: IV. 2951.*



# Bibliografia

- GOULARD, J.-P. “La sur-face du masque: perpétuation et métamorphose chez les Tikuna”. In: J.-P. Goulard e D. Karadimas (Ed.). *Visages des Dieux, Masques des Hommes, Regards d’Amazonie*. Paris, CNRS-Editions. 2011.
- HUXLEY, F. *Affables sauvages*. Paris, CNRS. 2010.
- LAGROU, Els. *Arte Indígena no Brasil: agência, alteridade e relação*. Belo Horizonte: C/ Arte. 2009.
- MILLER, J. *As coisas. Os enfeites corporais e a noção de pessoa entre os Mamaindê (Nambiquara)* (Tese). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- NETO, A B. *Apapaatai: rituais de máscaras do Alto Xingu*. São Paulo, EDUSP. 2008.
- RIBEIRO, D. *Diários Índios. Os Urubu-Kaapor*. São Paulo, Companhia das Letras. 1996.
- RIBEIRO, D. e B. RIBEIRO. *Arte plumária dos índios Kaapor*. Rio de Janeiro, Civilização brasileira. 1957.
- VAN VELTHEM, L. *O Belo e a Fera. A estética da produção e da predação entre os Wayana*. Lisboa, Assirio & Alvim/Museu Nacional de Etnologia. 2003.
- VERSWIJVER, G. *Kaiapó, Amazonia: the art of body decoration*. Ghent-Tervuren, Royal Museum for Central Africa. 1992.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. e A.-C. TAYLOR. “Un corps fait de regards”. In: S. Breton (Ed.). *Qu’est-ce qu’un corps? : Afrique de l’Ouest-Europe occidentale-Nouvelle-Guinée-Amazone*. Paris, Musée du quai Branly, 2006.

# Legendas

**Capa:** Peça IV. 933. Colar-apito emplumado (detalhe). Ka'apor. Acervo do MAE. Foto: Douglas Fróis.

**Páginas 2 e 3:** Homens Xavante. Acervo do MAE. Foto: Vladimír Kozák.

**Páginas 6 e 7:** Homem Kayapó. Acervo do MAE. Foto: Vladimír Kozák.

**Páginas 8 e 9:** Peça IV. 2913. Pau escavador (detalhe). Wauja, Alto Xingú. Coleção Maria Ignêz. Acervo do MAE. Foto: Douglas Fróis.

**Página 11:** Menino Karajá. Acervo do MAE. Foto de Vladimír Kozák.

**Páginas 12 e 13:** Peça IV. 2599. Escarificador (detalhe). Alto Xingú. Acervo do MAE. Foto: Douglas Fróis.

**Página 14:** Homem Ka'apor. Acervo do MAE. Foto de Vladimír Kozák.

**Páginas 16 e 17:** Peça D:75. Cesto cargueiro wayana-apalai (detalhe). Coleção Passos. Foto: Douglas Fróis.

**Página 18:** Meninas Karajá. Acervo do MAE. Foto de Vladimír Kozák.

**Páginas 20 e 21:** Peça IV. 2865. Máscara kapulu eneju. Wauja, Alto Xingú. Coleção Eduardo Cano. Acervo do MAE. Foto: Douglas Fróis.

**Páginas 22 e 23:** Peça IV. 3057. Cachimbo (detalhe). Mbya Guarani, Ilha da Cotinga, PR. Acervo do MAE. Foto: Douglas Fróis.

**Páginas 24:** Peça IV. 593. Diadema rotiforme (krôkôktire). Kayapó Xikrin. Acervo do MAE: IV. 593

**Catálogo 34 e 35:** Fotos da Exposição “Corpos & Objetos”. Fotos: Douglas Fróis.





**Reitor UFPR**  
Zaki Akel Sobrinho

**Vice-Reitor UFPR**  
Rogério Andrade Mulinari

**Pró-Reitora de Extensão e Cultura**  
Deise Cristina de Lima Picanço

**Diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia**  
Márcia Cristina Rosato

**Diretora da Editora UFPR**  
Suzete de Paula Bornatto

**Vice-diretor da Editora UFPR**  
Cláudio de Sá Machado Júnior

**Universidade Federal do Paraná**  
**Sistema de Bibliotecas - Biblioteca Central**  
**Coordenação de Processos Técnicos**

---

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná.  
Corpos & objetos na Amazônia / Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR;  
[curadoria Dr<sup>a</sup> Laura Pérez Gil e Miguel Carid Naveira]. – 1. ed. – Curitiba : Ed.  
UFPR, 2016.  
[30] p. : il. Color.

Exposição referência trazida ao público pela Unidade de Etnologia do Museu  
de Arqueologia e Etnologia da UFPR  
Inclui referências

1. Índios da América do Sul – Amazônia – Exposições. I. Gil, Laura Pérez.  
II. Naveira, Miguel Alfredo Carid. III. Título.

CDD 980.411

---

ISBN 978-85-8480-041-4

Direitos desta edição reservados à

**Editora**  
**UFPR**

Rua João Negrão, 280 - Centro  
Curitiba-PR - Brasil  
CEP 80010-200  
Caixa Postal 17309  
Tel.: (41) 3360-7489  
www.editora.ufpr.br  
editora@ufpr.br  
2016

Essa obra foi integralmente produzida pelo:



**Diretora**  
Márcia Cristina Rosato

**Curadoria**  
Laura Pérez Gil  
Miguel Carid Naveira

**Museologia**  
Ana Luisa de Mello Nascimento

**Fotografia**  
Douglas Cleverson Fróis

**Arte Final**  
Luis Gustavo Nazaret  
Bruna Brunetti Silva

**Alunos colaboradores**

Ana Clara Ferruda Zilli, Carolina Tokars Wernick, Eduardo  
Zmieviski, Fabrício Weiss, Filipe Hericks, Kathy Kathelen, Lara  
Senger, Mayra Levandoski, Paula Vitória Correa

**Equipe MAE**

Ana Luisa de Mello Nascimento, Ângela Carolina de Castro Simões,  
Bruna Marina Portela, Dorila Rosane de Paula Rodrigues, Douglas  
Cléverson Fróis, Elizabeth Maciel Scomassão, Fábio Luís G. Marcolino,  
João Kalluf, Laércio Brochier, Laura Pérez Gil, Luiz Carlos Alves, Luiz  
Cezar Rodrigues, Márcia Cristina Rosato, Nayamin dos Santos Moscal,  
Regiane Santos Pereira Pelaquini, Renata Cecília Cherobim Rugilo,  
Sady Pereira do Carmo Junior, Yara Aparecida Tavares



**EXPOSIÇÃO**



**CORPOS &  
OBJETOS**

**MUSEU DE ARQUEOLOGIA  
E ETNOLOGIA DA UFPR**  
TERÇA A DOMINGO  
DAS 8H ÀS 20H

**PARANAGUÁ**  
RUA XV DE NOVEMBRO, 575 - CENTRO HISTÓRICO

**MAIS INFORMAÇÕES**  
**(41) 3721-1200 - (41) 3313-2045**

